

Caudilhos e heróis da América: virtude política e identidade americana em Oliveira Lima

FABIO MURUCI DOS SANTOS*

Resumo: O artigo analisa a obra de Oliveira Lima, destacando a busca de um modelo de elite política para a América Latina que substituísse o predomínio dos caudilhos. Lima encontrou esse modelo no culto a George Washington, nos Estados Unidos, o qual fazia parte da tradição republicana local de valorização de personalidades políticas harmônicas e de alta virtude pública, em oposição ao personalismo carismático latino.

Abstract: Oliveira Lima's work is analyzed, emphasizing his search for new models of political elite for Latin America, which could substitute the *caudillos*. Lima found a model in George Washington's veneration in the United States, where the local republican tradition valued harmonic and virtuous political personalities, differently from the charismatic Latin American leaderships.

Palavras-chave: Oliveira Lima. Caudilhismo. Virtude republicana.

Key words: Oliveira Lima. *Caudillos*. Republican virtue.

Oliveira Lima trabalhava no serviço diplomático brasileiro na Venezuela quando escreveu uma série de artigos para *O Estado de São Paulo* sobre a vida política nas repúblicas hispano-americanas, publicadas em livro postumamente. Foi um período difícil de sua trajetória como diplomata. Após uma série de desavenças com o então Ministro das Relações Exteriores, o Barão do Rio Branco, Lima estava sendo indicado para vários postos diplomáticos que considerava de pouca relevância, como Japão, Peru (que não chegou a exercer) e a própria Venezuela, poster-

* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este artigo é parte de minha pesquisa de Doutorado sobre a visão de América nos intelectuais ibero-americanos do final do século XIX. Gostaria de agradecer a CAPES, que me forneceu uma bolsa para realizar um período de pesquisa na Oliveira Lima Library, na Catholic University, em Washington, EUA. E-mail: fmuruci@aol.com

gando seu desejo de servir na Europa, onde pretendia completar suas pesquisas sobre o Brasil Imperial. Para completar esses sabores, Lima entrou em choque com a política de aproximação com os Estados Unidos, iniciada por Rio Branco. Seus comentários ácidos levaram o presidente Rodrigues Alves a pensar em colocá-lo em disponibilidade e o excluíram da representação brasileira na Conferência Pan-Americana no Rio de Janeiro, em 1906. Lima considerava a aproximação excessiva com os EUA perigosa diante das indicações de que Theodore Roosevelt pretendia expandir a área de influência norte-americana pelo Caribe e pela América do Sul.¹ Para combater esse expansionismo, defendia uma relação mais próxima com os países hispano-americanos, especialmente a Argentina. Suas atitudes polêmicas o colocaram em uma posição incômoda nos quadros do Itamaraty.²

Apesar desses conflitos, Lima afirmava, em um de seus artigos: “considero a minha estada neste país o capítulo quiçá mais valioso da minha instrução diplomática”.³ No período venezuelano, sua preferência pelo regime monárquico tornou-se mais explícita e a desconfiança das intenções norte-americanas mais aguda. A explicação das razões de seu aprendizado é importante para as análises que proporei a seguir:

Na Alemanha aprendi como se ergue uma nacionalidade, secularmente atrofiada, por meio da união e da atividade industrial e comercial; nos Estados Unidos e na Inglaterra, como as liberdades civis e políticas se casam com o instinto mercantil e com a energia animal para procriarem grandes povos; no Japão, como o patriotismo extremado obra milagres na renovação do fundamento econômico, do aparelho defensivo e dos instrumentos e riqueza de uma nacionalidade, sem sacrifício de uma partícula de sua integridade moral. Em Venezuela, porém, é que vim aprender como uma vontade forte e *única*, discricionária naturalmente, freqüentemente caprichosa, porque nada a contrasta, se sobrepõe às mais adversas combinações de circunstâncias.⁴

¹ SMITH, Robert Freeman. Latin America, the United States and the European Powers, 1830-1930. In: BETHEL, Leslie (org.). *The Cambridge History of Latin America*, vol. IV – c. 1870 to 1930. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

² MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*. Bauru/São Paulo: EDUSC/FAPESP, 2001, cap. 6.

³ Lima, Oliveira. *Impressões da América Espanhola (1904-1906)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953, p. 138.

⁴ *Ibid.*

Lima costumava escrever sobre cada país em que trabalhava ou que visitava. O conjunto de seus escritos de viagem é talvez o mais volumoso entre os brasileiros da época. Quando observamos o circuito de suas viagens, um dos fatos mais notáveis é a relativamente pequena atenção dada aos pontos tradicionais de interesse das elites intelectuais brasileiras, como França e Inglaterra, e os longos comentários sobre EUA, Japão, Alemanha e Argentina. Como descrito na passagem acima, todos esses países seriam exemplos de processos bem sucedidos de modernização baseados na organização industrial e na disciplina coletiva. Já a Venezuela, na época governada pelo caudilho Castro, exemplificava o perfil político mais comum das repúblicas hispano-americanas. O papel da "vontade" individual de líderes aventureiros na organização política dessas repúblicas as colocaria em um universo anacrônico diante de um mundo em que a eficiência organizacional e a disciplina social haviam se tornado os melhores ingredientes do progresso. Curiosamente, Lima parece apreciar o fato de que a audácia do tirano venezuelano lhe tenha permitido confrontar as ameaças intervencionistas da Alemanha e dos EUA, que exigiam o pagamento de dívidas. Mas o perfil do caudilho também resumiria as principais razões do atraso hispano-americano em comparação com aquelas potências emergentes.

Como antídoto para o atraso, Lima defendia a necessidade de um novo tipo de personalidade coletiva latino-americana que substituísse o aventureirismo dos caudilhos. Esta é uma questão presente em todos os seus principais escritos sobre a evolução histórica das Américas: a criação de um novo modelo de herói para a América Latina. O tema havia se tornado recorrente na produção intelectual latino-americana na virada para o século XX. A influência do opúsculo *Ariel* (1900), do uruguaio José Enrique Rodó, havia disseminado a crença na necessidade de formação de novas lideranças exemplares que superassem o quadro de conflito civil crônico que dominara a América Hispânica durante o século XIX. Esse propósito teve fortes repercussões também no Brasil, especialmente após os governos militares no início da República.⁵

A noção "arielista" de liderança se baseava na formação de elites esclarecidas, rigorosamente selecionadas entre o que havia de melhor na sociedade culta, que colocassem o serviço à causa pública acima das disputas partidárias ou da ambição de poder.

⁵ PAMPLONA, Marco Antônio. Una perspectiva "Arielista" entre los hombres públicos brasileños de fin de siglo: Joaquín Nabuco y Oliveira Lima" In: *Estados Unidos desde América Latina: sociedad, política y cultura*. México: Colegio de México, 1995.

Uma de suas principais funções seria reforçar os critérios legítimos de valor contra o falso igualitarismo que teria predominado nas repúblicas instáveis do oitocentos. O movimento "arielistas" se difundiu por toda a América Latina nas primeiras décadas do século XX, mas assumiu uma ampla variedade de abordagens, desde o nacionalismo de direita até o indigenismo de esquerda.⁶ Cada uma dessas escolas produziu seus respectivos modelos de exemplaridade e heroísmo, muitas vezes opostos uns aos outros.

Este artigo pretende explorar os modelos de exemplaridade utilizados por Oliveira Lima e suas implicações para uma determinada interpretação da evolução histórica comparada das Américas Latina e Anglo-Saxônica. O modelo exemplar usado por Lima contra a personalidade caudilha foi a figura de George Washington, o líder militar da independência e primeiro presidente dos EUA. No momento em que Lima escrevia, o culto a Washington já era secular e sua filiação a muitos de seus princípios pode ajudar a esclarecer seu pensamento político. Da mesma forma, permite-nos observar as particularidades de sua leitura da história americana.

Começamos observando a descrição da personalidade latino-americana desenvolvida por Lima. Sua origem estaria na Conquista espanhola, movimento que rasgou continentes movido exclusivamente pela sede de glória e pela miríade do ouro. O símbolo maior do empreendimento espanhol foi o Dom Quixote, "a fórmula do caráter do povo e a súpula da história da nação".⁷ Despidos de espírito comercial e organizacional, os espanhóis (mais que os portugueses) tomaram a América, dominados pelo "espírito de aventura" que caracterizava o universo ibérico na época, aliado ao espírito religioso sectário e místico representado por Santa Teresa de Jesus. As duas formas de alienação idealista sobrepuseram o espírito prático e realista do povo, representado por Sancho Pança, que foi levado de roldão numa aventura que só lhe trouxe miséria. O "gaúcho" dos pampas e o "mestiço" peruano seriam os descendentes degenerados dessa mentalidade aventureira, que deprecia o trabalho e ignora a disciplina.

A longo prazo, o aventureirismo inicial continuou impregnado na cultura hispano-americana, gerando apatia e desordem e tendo trágicas conseqüências políticas no momento em que as guerras de independência trouxeram os habitantes do interior

⁶ VALDÉS, Eduardo Deves. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX: entre la modernización y la identidad*. Buenos Aires: Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000; e Stabb, Martin. *In quest of identity: patterns in the Spanish American essay of ideas, 1890-1960*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1967.

⁷ LIMA, *Impressões da América Espanhola*, p. 118.

para o centro da vida política. Os caudilhos, “vaqueiros a cujos instintos selvagens falava com eloqüência o demônio da destruição”,⁸ impuseram sua personalidade sobre as elites políticas *criollas*, formadas na sociedade culta do Império espanhol e adeptas do melhor iluminismo, e determinaram o mecanismo da vida política continental no século que se seguiu. As guerras civis da Independência teriam exterminado toda uma geração de líderes virtuosos, deixando espaço para a ascensão de senhores regionais e populações mestiças sem qualquer experiência política: “A vida desses países ficou comprometida e estragada por um vício radical e em certo sentido hereditário, que é o da atividade política sem educação cívica”.⁹ O espaço público foi invadido pela personalidade política dominante nas autarquias da região rural, sob domínio de senhores guerreiros.

Nesse ponto, as considerações de Max Weber sobre o “carisma” podem ser esclarecedoras. Weber aponta que a autoridade carismática se distingue agudamente de outras duas formas de organização, a burocrática e a patriarcal. Apesar de suas particularidades, estas últimas têm em comum o propósito de gerenciar os assuntos econômicos e definir um ordenamento estável para a sociedade, a primeira baseada em regras e leis abstratas e impessoais e a segunda em costumes e tradições. Algum grau de racionalidade seria inerente a ambas. A “liderança carismática”, ao contrário, ignora as necessidades da administração econômica. Ela nasce de um sentido de missão, incorporado em um líder que sustenta seu poder apenas na medida em que se mostra capaz de realizá-la. Se fracassar, será abandonado por seus seguidores. Por ser limitado a um objetivo específico, o líder carismático despreza o planejamento e vê como indigno o esforço de acumulação financeira através do trabalho regular e da negociação. Como em todos os outros aspectos, sua visão da economia está restrita a ações explosivas e efêmeras, que lhe tragam prestígio como realizador de “feitos” únicos. Daí o privilégio dado ao saque e a pilhagem como meios de enriquecimento.

No campo da autoridade política, esse líder se move num universo de fidelidades instáveis. Seu meio de atrair a obediência dos seguidores não está na ordem dos valores ou das regras e sim do apelo emocional, nas dificuldades que enfrenta e no entusiasmo que gera ao vencê-las. Sua autoridade se apóia na rara capacidade

⁸ LIMA, Oliveira. *América Latina e América Inglesa: a evolução brasileira comparada com a hispano-americana e com a anglo-americana*. Rio de Janeiro: Garnier, 1914, p. 103.

⁹ *Ibid.*, p. 129.